

Humor, Crítica e Autocrítica Religiosa: Incidências e Funcionalidades dos Usos do Humor na e Sobre a Igreja Católica

José Eduardo Franco
Un. Aberta / CLEPUL - FLUL*
joseeduardofranco@gmail.com

Cristiana Isabel Lucas da Silva
CLEPUL
cristianalucas@gmail.com

Resumo

Com esta comunicação pretendemos dar conta e caracterizar a prática abundante do humor em torno e no seio da Igreja Católica.

De facto, a Igreja Católica, a sua hierarquia, as suas instituições, os seus membros ligados por relações de fidelidade e obediência diversas, a sua moral, as suas ordens têm sido e continuam a ser objeto de muito humor, quer como arma crítica quer como forma de relativização da rigidez desta instituição bimilenar.

Mas o humor produzido pelos críticos da Igreja que, por esta via, castigam os excessos de fundamentalismos de alguns e de hipocrisia de outros, é complementado por um uso bastante fecundo do humor pelos membros mais comprometidos da própria Igreja Católica. É conhecido o humor eclesiástico muito praticado por padres e frades e até por freiras. Este humor interno funciona como forma de atenuação e de evasão relativamente ao peso da sisudez que a vida religiosa na Igreja exige. É sem dúvida uma saudável forma de terapia também.

Procuraremos reunir uma amostra composta por um conjunto de ditos e anedotas emblemáticas representativas do humor praticado dentro e fora da Igreja para fazermos uma proposta de caracterização e classificação.

Indagaremos ainda usos do humor que nos permitam ilustrar apreciações divertidas dos vários campos institucionais, relacionais e de exercício do poder na Igreja, como seja, o humor papal, o humor decorrente de relações de uma certa concorrência entre Ordens Religiosas, o humor sobre as relações entre padres e sacristãs, entre outros.

Palavras-Chave: Humor, Igreja Católica, Ordens Religiosas, Moral, Crítica, Terapia.

*CIDH - Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (Universidade Aberta/CLEPUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Abstract

With this communication we intend to provide an account and characterize the frequent practice of humour around and within the Catholic Church.

In fact, the Catholic Church, its hierarchy, its institutions, its members connected by various relations of loyalty and obedience, its morals, its orders, have been and continue to be the subject of much humour, either as a critical weapon or as a way to relativize the rigidity of this two thousand year old institution.

But the humour produced by critics of the Church, who punish the fundamentalist excesses of some and hypocrisy of others this way, is complemented by a very fruitful use of humour by the most committed members of the Catholic Church itself. The ecclesiastical humour practiced by priests and monks and even nuns is well known. This internal humour works as a form of mitigation and evasion of the weight of seriousness required by a religious life in the Church. It is certainly a healthy form of therapy as well.

Our purpose is to gather a sample of a set of emblematic and representative sayings and jokes of the humour practiced inside and outside the Church in order to present a proposal for characterization and classification.

We will further question the uses of humour that allow us to illustrate amusing appreciations of the various institutional and relational fields of the Church, as well as those related to the exercise of power, such as papal humour, humour arising from a certain competition between religious orders, humour between priests and sacristans, among others.

Keywords: Humour, Catholic Church, Religious Orders, Moral, Criticism, Therapy

“Ludus est necessarius ad conservationem humanae vitae.” (O humor é necessário para a conservação da vida humana)
(São Tomás de Aquino)

“Não há maior comédia que a minha vida; e quando quero ou chorar ou rir, admirar-me ou dar graças a Deus ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.”

(Padre António Vieira)

“Não é difícil descobrir ao longo da História de Portugal a presença da atitude anticlerical. Poderá não ser sempre muito intensa nem envolver número elevado de atores. Mas não deixa por isso de marcar significativamente a vida cultural, os costumes e a mentalidade coletiva, sem que disso se tenha plena consciência. Para esse anticlericalismo difuso muito tem contribuído o modo indireto, subtil e sinuoso como se manifesta e difunde ao longo dos tempos, a começar pelo lugar da sua enunciação. Habitados como estamos a lugares-comuns sobre as arremetidas anticlericais que acompanharam as últimas décadas da Monarquia Constitucional e os tempos da Primeira República, associamos naturalmente os enunciados anticlericais a movimentos desencadeados a partir do exterior da Igreja, como se não existisse igualmente, e desde muita longa data, uma enunciação anticlerical feita a partir do interior da própria comunidade eclesial.”

(ABREU, 2009, p. 127)

Considerações Preliminares

O humor é uma das expressões culturais mais belas da humanidade e uma das mais notáveis da inteligência humana. O humor salva-nos da opressão permanente de não vermos atingidos ideais impossíveis e sobre-humanos. O humor cura-nos de manias de superioridade, das nossas excentricidades desviantes, das nossas falsas sobranças. O humor faz-nos reconhecer, no fundo, que entre os homens não há “deuses”, pois, como costumamos afirmar, “todos os deuses caem quando convivem com os homens”. O humor é a grande arma para decretar essa queda.

Destacados humoristas, como recentemente um emergente humorista português, Ricardo Araújo Pereira, têm sublinhado que a criação humorística constitui uma arte bastante séria², sendo sua pretensão, no fundo, transmitir mensagens muito relevantes enquanto capital crítico e de desconstrução da(s) forma(s) como a realidade nos é apresentada e representada.³

As Igrejas cristãs, com especial relevo para a Igreja de confissão católica romana, têm um potencial de humor considerável e, na verdade, têm suscitado, ao longo

² Cf. PEREIRA, 2013.

³ Cf. MARTINS, 1978.

dos séculos e na sua relação com os povos e culturas onde se implantam, um relevante manancial de criações e produções humorísticas e satíricas.

Mas, contrariamente ao que, numa primeira abordagem feita do exterior e por quem não viveu no interior da Igreja e, mormente, no seio da hierarquia eclesiástica, se pode concluir, as práticas do humor não preponderam somente nos sectores da sociedade críticos da Igreja, nas suas múltiplas vertentes e funções organizacionais. Na realidade, o humor é também uma prática muito usual, nomeadamente no quadro da hierarquia da Igreja Católica, quer entre o alto quer entre o baixo clero⁴. Em grande medida, até podemos afirmar que a Igreja é um reino do humor e um dos mais prósperos.

De facto, a Igreja Católica, a sua hierarquia, as suas instituições, os seus membros ligados por relações de fidelidade e obediência diversas, a sua moral, as suas ordens têm sido e continuam a ser objeto de muito humor, quer como arma crítica quer como forma de relativização da rigidez desta instituição bimilenária. Aqui, o recurso ao humor acaba por funcionar como uma espécie de vigilância ou consciência crítica. Como argutamente escreveu José Augusto Mourão:

“A vigilância crítica é uma virtude ativa que qualquer instituição ou qualquer crença deve praticar, se quer evitar o empastelamento de boa consciência. O que seria uma religião que não tolerasse ser posta em causa senão um fanatismo que suprime o processo de adesão viva e livre aos seus preceitos?”
(MOURÃO, 2002, p. 13)

O humor desempenha, aliás, várias funções significativas, que vão da mera crítica primária e superficial, brincalhona, até à função de terapia. Podemos elencar e classificar aquelas que consideramos ser as cinco funções do humor associado ao ato de rir: a função de divertir e descontrair, a função de denunciar e alertar, a função de criticar e corrigir, a função de combater e destruir e a função de moralizar e conduzir ao reconhecimento dos desvios.

No estudo bem notável de Paulo Correia de Melo sobre o anedotário anticlerical de carácter popular em Portugal, explica-se muito sagazmente o que torna a vida eclesiástica tão fecunda em produções humorísticas como reação a vários aspectos exteriores e interiores da Igreja que a experiência comum dos homens e mulheres tem dificuldade em aceitar:

⁴ Cf. DREWERMANN, 1994.

“[...] Há a rejeição da imposição de um pensamento hierárquico normalizador, em que a religião é vista como uma superestrutura social, com uma gestão plenipotenciária de direitos, estipulando, num cenário piramidal, um conjunto de deveres homogeneizados para a massa anónima, sem atenção à sensibilidade individual e à peculiaridade de vivência de cada comunidade de crenças. [...] Nota-se a rejeição da hipocrisia, da luta entre o ser e o parecer, entre a palavra e a obra, entre a ética da humildade, da abnegação, do sacrifício, da contenção, até da soturnidade, e a prática da jactância, da presunção, da procura de prestígio, da exploração, da corrupção, da lascívia, da amoralidade.” (MELO, 2005, pp. 214-215)

Assim sendo, com este estudo pretendemos destacar analiticamente temas humorísticos mais relevantes e caracterizar a prática abundante do humor em torno e no seio da Igreja Católica. Para o efeito, dividimos a presente comunicação em duas partes basilares: uma primeira sobre o chamado humor autocrítico, ou seja, concebido no interior da Igreja, complementado com o humor crítico concebido na esfera eclesial e visando sobretudo membros de ordens religiosas “adversárias”; e uma segunda parte acerca daquele que podemos designar de humor crítico-satírico ou satírico-destrutivo, gerado no exterior da Igreja e no âmbito de um criticismo anticlerical.

Procuraremos, pois, reunir uma amostra minimamente figurativa composta por um conjunto de ditos e anedotas emblemáticas representativas do humor praticado dentro e fora da Igreja para fazermos uma proposta de caracterização e classificação.

I. Humor De Dentro

O humor autocrítico (ou humor eclesial)

O humor produzido pelos críticos da Igreja que, por esta via, castiga os excessos de fundamentalismo de alguns e de hipocrisia de outros, é complementado por um uso bastante fecundo do humor pelos membros mais comprometidos com a própria Igreja Católica. É conhecido o humor eclesial praticado por padres, frades e até freiras e papas. Este humor interno praticado pelos que consagram mais plenamente a vida à Igreja funciona como forma de atenuação e de evasão relativamente ao peso da sudez que a vida religiosa na Igreja exige; mas também como forma de eles próprios recordarem a sua humanidade e efemeridade. É, sem dúvida, um saudável modo de terapia e também de exorcizar pelo riso o peso da moral, da doutrina, da disciplina e da alta exigência que é imposta a homens e mulheres que à Igreja se consagram, mas que, mercê da sua imperfeição e fragilidades humanas, não poucas vezes tergiversam.

Podemos, aliás, considerar que a criação humorística forma uma parte interessante da cultura eclesiástica, como produto quer das auto-representações quer das hetero-representações.

Existe uma anedota bem ilustrativa do que acabámos de enunciar:

“Um grupo de pessoas de diferentes confissões religiosas viajam num autocarro rumo a uma conferência ecuménica, numa semana de unidade cristã. Enquanto entoam cânticos juntos, distraem-se, despistam-se, embatem num poste telefónico, morrem e vão para o Céu.

O grupo é escolhido por São Pedro, que dá as boas-vindas a todos.

— Muito bem — diz ele. Primeiro os episcopais. Bem-vindos ao Céu. Visto que todos levaram boas vidas cristãs e nos enriqueceram tanto do ponto de vista litúrgico, vão para o Quarto Cinco, mas de caminho não olhem para o Quarto Um. Os episcopais dirigem-se alegremente para o Quarto Cinco.

De seguida, São Pedro diz aos baptistas:

— Bem-vindos, baptistas, obrigado pelas vossas grandes pregações e testemunhos ao longo das vossas vidas. Fiquem com o Quarto Dois, mas não espreitem para o Quarto Um.

Volta-se então para outro grupo e diz:

— Metodistas, prazer em ver-vos! Obrigado por levarem vidas cristãs tão boas e por todos aqueles grandes hinos. E se fossem todos para o Quarto Três? Mas não entrem no Quarto Um.

Finalmente, um dos metodistas diz a São Pedro:

— Posso perguntar-lhe uma coisa? O que é que há no Quarto Um?

São Pedro responde:

— Oh, isso é onde estão os católicos. Eles pensam que são os únicos aqui no Céu.” (*Apud* MARTIN, 2011, pp. 192-193)⁵

A perceção moral do riso e a resposta à pergunta se Jesus nunca riu

Já a célebre obra de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, aflorava uma questão que tem sido objeto de análise e controvérsia: será o riso uma dádiva de Deus ou um adversário do ideal cristão? Neste romance, Jorge de Burgos, o austero bibliotecário da abadia beneditina, insurge-se contra o riso e fundamenta a sua posição recorrendo aos primeiros teólogos cristãos (nomeadamente S. Paulo, S. Clemente de Alexandria, S.^{to} Ambrósio, S. Basílio). Procura aduzir argumentos de extração teológica (Cristo nunca riu, logo, o riso é contrário ao ideal cristão e próprio dos descrentes) e de base filosófica (“o riso agita o corpo, distorce os traços do rosto, torna o homem semelhante ao macaco”, logo, “o riso é contrário à razão”). Curiosamente, na mesma época, conforme

⁵ Parte dos textos humorísticos aqui citados são recolhidos da voz corrente, ou seja, andam de boca em boca em múltiplas versões que os autores registaram de memória. Outros textos são recolhidos e adaptados da grande recolha feita por Paulo Correia de Melo (*Anedotas e outras expressões de anticlericalismo na etnografia portuguesa*) e por James Martins (*Deus ri. Alegria, humor e riso na vida espiritual*).

citámos em epígrafe, S. Tomás de Aquino recordava que o riso era um exercício necessário para a vida humana se desenvolver equilibradamente.

James Martin, na sua premiada obra *Deus ri. Alegria, humor e riso na vida espiritual*, desconstrói a premissa de que Cristo nunca terá rido, contrapondo a esta a ideia de que muitas das suas parábolas encerravam uma configuração humorística que, embora moderada, se revelava bastante eficaz. E sustenta os seus argumentos numa tese defendida por Amy-Jill Levine, em *The Misunderstood Jew: The church and the scandall of the jewish Jesus*, e apoiada por Gerald Arbuckle, em *Laughing with God: Humor, Culture and Transformation*, segundo a qual (1) “aquilo que era considerado cómico no tempo de Jesus [pode] não nos parecer de todo cómico a nós” (*ibidem*, p. 48)⁶; (2) “é possível que parte do humor natural de Jesus tenha sido extirpada pelos autores do Evangelho, na procura de conformidade com padrões vigentes” e com “as normas das biografias da época” (*ibidem*, pp. 50-51)⁷; (3) os primeiros padres da Igreja estariam mais preocupados com a erradicação das heresias e do paganismo, preferindo por isso uma abordagem mais séria e austera da vida de Cristo, cujo ponto culminante, como não poderia deixar de ser, é a sua Paixão — Cristo redentor, cujo sofrimento (e aqui não é humor) nos salvou.

Um Deus que ri ou humor com exegese bíblica

Os exegetas e teólogos também praticam o humor quando tratam de assuntos tão sérios como hermenêutica bíblica e explicação dos dogmas. Há muitas anedotas exegéticas que circulam nos círculos dos estudos teológicos e que servem muitas vezes

⁶ James Martin explicita: “Alguns trechos das parábolas, portanto, não se limitavam a ser inteligentes; eram *divertidos* aos olhos do público do século I. Na verdade, a própria incongruência das parábolas – a natureza inversora, aparentemente absurda da sua mensagem (os pobres são ricos; os ricos são pobres, os cegos veem; os que têm vista são cegos) – é puro material de comédia. O absurdo é ainda mais rico quando os ouvintes se apercebem de que as ideias de Jesus são, de facto, verdadeiras. Mas passamos frequentemente ao lado desse aspecto dos Evangelhos [...]. No seu livro *Laughing with God: Humor, Culture and Transformation*, Gerald Arbuckle, padre católico, concorda com esta tese. Na Palestina do século I, segundo ele, é muito provável que as pessoas se tivessem rido de muitos dos exemplos intencionalmente ridículos apresentados por Jesus, como a ideia de alguém acender uma lâmpada para a pôr debaixo de um cesto, ou a de alguém construir uma casa sobre areia, ou a de um pai oferecer pedras a um filho em vez de pão. Como sugerem Levine e Arbuckle, podemos estar a passar ao lado de grande parte do humor pretendido por Jesus, o qual era compreendido pelo seu público nas suas parábolas.” (*Ibidem*, pp. 48-49)

⁷ Amy-Jill Levine, em *The Misunderstood Kew: The church and the scandall of the jewish Jesus*, sugere que em alguns evangelhos não canónicos estariam descritas situações em que Jesus teria rido e que o sentido de humor de Jesus teria sido erradicado dos evangelhos canónicos. Estes evangelhos, por sua vez, estavam bastante focados nos pormenores da Paixão: o sofrimento de Cristo.

para professores e alunos aliviarem o peso sisudo da erudição que estes tirocínios implicam. Registamos algumas.

Histórias do paraíso:

Porque é que a mulher foi formada em segundo lugar por Deus a partir de uma costela de Adão e ao andar faz um movimento mais ondulante e sinuoso com as nádegas do que o homem? Ora, Deus, ao tentar acabar a modelação da fêmea, precisou de mais um pouco de carne para terminar a sua segunda obra prima. Olhando ao redor viu um cão a fugir. Logo lançou a sua foice divina e colheu apenas o rabo do cão em fuga. Foi este pedaço de carne que usou para compor a parte traseira da mulher em falta. Assim se explica o movimento ondeante do andar da mulher, que tem alguma analogia com o acenar do rabo do cão.

O Caminho das Pedras:

Quando Pedro tentou imitar Cristo a andar sobre as águas no Lago de Tiberíades, pediu socorro a Jesus, pois estava a afogar-se. E logo o Salvador lhe retorquiu: Oh seu idiota, já te esqueceste do caminho das pedras que te ensinei?

O humor dos santos

Muitos protagonistas da história do Catolicismo compreenderam a importante função da alegria e da boa disposição como ferramentas indispensáveis no processo de evangelização. Na verdade, a alegria e o humor podem ser entendidos, neste contexto, como formas de aqueles homens e mulheres irrepreensíveis se aproximarem da comunidade em geral. Apresentemos alguns exemplos:

a) **S.^{ta} Teresa de Ávila**, cujo reconhecido sentido de humor está presente, inclusive, nos seus escritos espirituais. De facto, dizia ela recear mais uma irmã infeliz do que uma corja de demónios.

b) **S. Filipe de Néri**, o fundador da Congregação do Oratório, que, considerando a alegria uma dádiva de Deus, é também conhecido como o profeta da alegria cristã.

c) **S. Lourenço** (séc. III): S.^{to} Ambrósio conta, no seu *De Officiis*, que tendo aquele sido preso pelos guardas do Imperador Valeriano, quando estava a ser torturado numa grelha em brasa terá dito ao seu algoz: “*Assum est, inquit, versa et manduca*” (“desde lado já está tostado, vire-me e depois sirvam-se”).

Papas com humor

A par dos santos, há também registo de papas com grande sentido de humor ou que, pela sua maneira de ser e extrema simpatia, suscitam comportamentos anedóticos que lhes são atribuídos própria ou imprópria. Um deles é, sem dúvida, o papa João XXIII, a quem se atribui uma série de ditos e histórias reveladoras de uma perspicácia desconcertante ou espontaneidade marcada pelo humor. Recordemos algumas dessas histórias:

Um dia, o Cardeal Roncali, futuro papa João XXIII, quando era núncio apostólico em Paris, foi convidado para um jantar oficial. Foi-lhe reservado um lugar na mesa à frente de uma bela dama de um dos chefes de Estado convidado para a gala. A mulher estava vestida de forma provocante: de saia muito curta e com um leve tecido a cobrir parcialmente os seios. Perante o cenário feminino que lhe foi dado a contemplar durante a refeição, o cardeal Roncali decidiu oferecer-lhe insistentemente, na hora da sobremesa, uma bela maçã vermelha que estava entre as muitas frutas que estavam a ser servidas: “Por favor, coma esta maçã, minha senhora, coma!” A mulher acabou por se incomodar com aquela oferta insistente de uma sobremesa sem lhe apetecer e perguntou: “Sua eminência, por que razão quer tanto que eu aceite e coma esta maçã?”. Retorquiu o cardeal: “Porque Eva só tomou consciência de que estava nua no Paraíso quando comeu a maçã.”

Ainda ao Papa João XXIII é atribuída uma célebre exclamação perante a visão de uma donzela bonita:

Num dia quente de Verão, estava o papa João XXIII a dar a comunhão numa Igreja de Roma: “Corpo di Dio, Corpo di Dios, Corpo di Dio...” Até que lhe aparece pela frente uma escultural donzela vestindo roupas muito curtas. E o Papa exclamou, trocando a ordem da declaração litúrgica obrigatória naquele ritual: “Dio, quel corpo!”

Arrufos entre irmãos: a concorrência entre ordens religiosas

É conhecida a multiplicidade de ordens e congregações que alberga a Igreja Católica.⁸ Desde os tempos do monaquismo antigo que a Igreja se habituou a acolher fundadores e fundadoras de instituições consagradas a vários carismas e missões, multiplicadas extraordinariamente ao longo dos séculos em diferentes versões, metamorfoses e reformas. As ordens e congregações formam um dos campos institucionais da Igreja Católica mais dinâmicos e com mais significativas atualizações ao longo dos tempos. De tal modo proliferaram os carismas, as regras e os atos fundacionais de instituições deste tipo, que concílios houve que decidiram limitar esta dinâmica expansiva, como foi o caso do IV Concílio de Latrão.

Célebre ficou a advinha que retrata a grandeza e a miséria de algumas destas instituições e o apelo ao seu redimensionamento, à fidelidade às suas origens e à própria obediência ao magistério da Igreja: *Quais são as três coisas que o Espírito Santo não conhece?* Eis as três: *Quantas congregações femininas existem na Igreja? Quanta riqueza têm o franciscanos? E o que pensa verdadeiramente um jesuíta!*

No interior na Igreja, se a abundância destas instituições significa, por um lado, um sinal de vitalidade carismática e de uma certa liberdade de iniciativa, por outro lado também acarreta problemas, nomeadamente alguns conflitos de fronteiras de intervenção e até concorrência traduzida em disputas de posições, de territórios e de esferas de ação.

No universo das ordens religiosas, ficaram mais vincadas na memória histórica as disputas entre jesuítas e franciscanos, as quais geraram curiosas anedotas. Não esqueçamos que os franciscanos se consideravam uma das grandes famílias religiosas geradas na Baixa Idade Média, com grandes pergaminhos ao serviço da Igreja. A Companhia de Jesus, nascida na modernidade, acabou por concorrer com a Ordem Franciscana (então já dividida em três grandes ramos), tanto na educação, como na missionação, ou ainda no aconselhamento dos poderosos (particularmente dos próprios monarcas), levando muitas vezes a melhor à ordem clássica de S. Francisco. Tanto a sobrançeria e esperteza com que os jesuítas são representados como a falsa humildade e

⁸ Sobre as Ordens e a sua História, ver a recentíssima obra com múltiplos estudos atualizados: FRANCO, José Eduardo; ABREU, Luís Machado de (Coord.). *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo*. 2 vols. Lisboa: Paulinas, 2014.

pobreza dos franciscanos (misturada com ingenuidade) são visados neste anedotário próspero. Vejamos algumas dessas advinhas e micro-narrativas anedóticas.

a) Eis uma advinha que faz as delícias dos Franciscanos:

Quais foram as primeiras palavras que Jesus disse quando nasceu? Olhou para a sua direita e para a sua esquerda e viu-se ladeado na manjedoura de uma vaca e de um burro. Surpreendido por tão animaiscos companheiros exclamou: “Então, é esta a Companhia de Jesus?”

b) Sobre a maneira de ser atribuída aos jesuítas, de nunca se comprometerem e de habilmente fugirem às questões complexas, temos a seguinte história:

Um dia um professor de Coimbra interpelou do seguinte modo um jesuíta: “Dizem-me que os jesuítas respondem sempre às perguntas que lhes endereçam com outras perguntas. É verdade, reverendo padre?” Respondeu o jesuíta: “Meu ilustre professor, esclareça-me: quem lhe deu semelhante informação?”

c) Sobre o suposto desinteresse dos franciscanos pelos aspectos materiais e dos jesuítas pelos assuntos espirituais:

Um homem, em conversa com um franciscano e com um jesuíta, perguntou: “Quantas novenas é preciso rezar para se conseguir um Mercedes Benz?” O franciscano perguntou: “O que é um Mercedes Benz?” O jesuíta perguntou: “O que é uma novena?”

d) Segue-se um caso que evidencia o carácter pragmático dos jesuítas:

Um dominicano, um franciscano e um jesuíta decidem fazer um retiro juntos. Subitamente, experimentam uma visão mística e dão por si na cena da Natividade. Ajoelham perante a manjedoura, e o dominicano diz a Maria: “Oh, a alegria de ver o Verbo feito Carne, de testemunhar a Encarnação de Deus, de assistir à união do humano e do divino...” O franciscano declara: “Oh, a alegria de ver como o Filho de Deus se identifica com os pobres e escolhe ser pobre na pobreza e entre os queridos animais de que tanto gosta...” É então que o jesuíta põe o braço sobre o ombro de S. José e lhe pergunta: “Já pensou em pô-lo num colégio jesuíta?”⁹

⁹ Cf. MARTIN, 2011, p. 116.

A inversão das hierarquias: padres e sacristãos, bispos e padres

As disputas de papéis, competências e posições entre hierarquias e lugares na Igreja têm dado azo a um dos mais ricos conjuntos temáticos de produções humorísticas no campo católico. O sacristão, por exemplo, é geralmente figurado pelas narrativas anedotais como sendo um personagem mais limitado em termos de inteligência e prestígio, mas cheio de esperteza e capaz de trocar as voltas ao seu pároco; também o padre que engana e ridiculariza o bispo é um tema recorrente do humor eclesial.

Atentemos a esta micro-narrativa anedótica bem ilustrativa:

Um dia o bispo fez uma visita pastoral à paróquia e questionou o Padre sobre alguns dos seus hábitos conhecidos: “Reverendo Padre, ouvi dizer que o senhor dorme na mesma cama que sua empregada?” “Sim, é verdade, Sua Eminência, mas coloco uma tábua ao meio a separar-nos!”, retorquiu o pároco. Exclamou interrogativamente o bispo: “Ah, fico mais descansado! Mas, estimado padre, e como fazes quando chega a tentação?” Reagiu logo o Padre: “Ora, Sua Eminência, tiro a tábua!”

II. Humor de Fora

Humor crítico-satírico ou satírico-combativo

A corrente anticlerical constitui um fenómeno sociocultural, com uma tradição proeminente na cultura ocidental¹⁰, tradição essa que não se circunscreve apenas à chamada “questão religiosa” relacionada com a limitação e separação de poderes, estabelecida a partir do Iluminismo (mas sobretudo com o Liberalismo e a República), nem recorre somente a discursos de tipo político-doutrinário. Na verdade, também o recurso ao discurso de carácter humorístico tem-se revelado bastante fecundo e proficiente, tendo a vantagem de os seus efeitos (de formação de estereótipos e modelação de opiniões) permanecerem no subconsciente cultural por tempo indeterminado. A sua função é muito clara, correspondendo à máxima “*ridendo castigat mores*”: denunciar e, por essa via, castigar os maus costumes. Todavia, o uso do humor também pode ter uma natureza negativa, quando usado com o único propósito de

¹⁰ Cf. ABREU, 2004.

destruir fortuitamente ou denegrir para forjar intencionalmente uma determinada imagem depreciativa.

Centrar-nos-emos apenas no uso do humor como crítica e denúncia dos comportamentos desviantes, nos temas a seguir enunciados:

A cabeça da Igreja descabeçada: humor de e sobre papas e bispos

O poder e os poderosos têm suscitado, ao longo da história e nos mais diversos contextos sociais e culturais, os tipos mais variados de apreciações críticas de carácter humorístico e satírico. A pesada concentração do poder nas mãos dos titulares máximos de cargos de poder eclesiástico e a alta expectativa de exigência de exemplo moral e de coerência doutrinal acabam por ser um campo fértil de humor quando aquilo que se espera de um “príncipe da Igreja” não é atendido ou é defraudado. A conceção do poder religioso e o seu exercício são já de *per si* revestidos de uma forte carga hierática, dada pela própria definição e fundamentação sagrada da sua origem e missão, que o distancia e eleva. Acresce a esta representação do poder religioso todo o imaginário hierático potenciado pelos cenários litúrgicos em que ele se institui e se manifesta, muito acima do humano, divinizando-o. De algum modo, o recurso ao humor acabou por ser também uma forma de atenuar a dimensão demasiado sobre-humana com que esse poder é apresentado e representado.

Atualmente, temos apreciado no Papa Francisco esse recurso ao humor nos diálogos, nos discursos como estratégia de comunicação que muito contribui para aproximar as pessoas e para criar um ambiente de boa disposição e de acolhimento. Além do mais, significativos têm sido os seus insistentes apelos à vivência do valor da alegria como expressão pública da vida cristã, ou seja, a alegria traduzida no sorriso deve ser o cartão de visita de todo o cristão. Recupera aqui aquela censura plasmada na tradição popular que aponta a incoerência da marca da tristeza na vida de um cristão e ainda mais um cristão que passa por santo: “Um santo triste é um triste santo”.

Assim, encontramos tanto papas e bispos a serem objeto de crítica através do uso de adágios e anedotas carregados de ironia e humor, como encontramos pequenas narrativas em que os papas são protagonistas de suculentas histórias humorísticas, como já foi aludido num ponto anterior.

Temos, desde logo, aquele dito terrível atribuído a S.^{ta} Catarina de Sena, que teria resultado de uma alegada visão do inferno que muito a impressionou e que por isso

a comunicou a um dos papas do seu tempo: “O chão do inferno está calçado com cabeças de papas, cardeais, bispos e padres.” Esta afirmação chocante acabava por significar uma crítica forte aos abusos do clero que, durante a Idade Média, tinha acumulado cargos, privilégios, poderes discricionários e se tinha afastado da autenticidade de uma vida em coerência com os princípios evangélicos.

A vida contra a palavra

Um dos aspectos da vida dos padres e das freiras que dão mais tema ao humor e à sátira eclesiástica é, sem dúvida, a desconformidade entre a palavra proclamada e a vida vivida. Aliás, aqui está, de algum modo, resumido o grande drama da Igreja ao longo dos séculos e onde ela revela o seu lado mais humano, mais pecador, mais suscetível de ser apontada como não estando muitas vezes à altura da palavra e da missão que lhe foi confiada. Nesta contradição, entram sobremaneira os problemas da acumulação de riqueza, da gula e das derrapagens na austera moral sexual doutrinada pela Igreja.

O apontar das contradições em que membros do clero têm incorrido ao longo dos tempos é bem exemplificado nesta paródia aos Dez Mandamentos:

“Primeiro,
Amam a Deus por dinheiro;
Segundo,
Enganam a todo o mundo;
Terceiro,
Antes querem vitela que carneiro;
Quarto,
Jejuam desde que estão fartos;
Quinto,
Antes querem vinho branco que tinto;
Sexto,
Levam tudo a torto e a direito;
Sétimo,
Não tomam nada de empréstimo;
Oitavo,
Não comem da cabeça nem do rabo;
Nono,
Enchem bem a barriga de sono;
Décimo...
Não têm préstimo!” (MELO, 2005, p. 292)

Na cultura popular, encontramos com imensa facilidade diversos adágios que transportam e sintetizam esta crítica secular aos representantes da Igreja de quem se espera mais exigência de vida: “O hábito não faz o monge”, “Faz o que digo e não o que

eu faço”, ou aquela poderosa descrição do Cura na cultura espanhola: “O Cura fala como Cristo e vive como Deus!”, e ainda, em versão portuguesa, o que disse o padre à viúva: “Entrega-me os teus bens para que eu viva bem na terra e para que tu vivas melhor no céu!”.

O humor nos ritos de passagem: sacramentos e sustentos

Os sete sacramentos definidos de forma plena pelo Concílio de Trento constituem rituais litúrgicos que marcam a vida individual de cada cristão, enquanto ritos de passagem consagrados, mas que também se tornam, com o tempo, atos sociais revestidos e misturados com elementos de cultura anteriores ao Cristianismo e transfigurados por este. Entre os sete sacramentos (batismo, crisma ou confirmação, confissão ou reconciliação, eucaristia, casamento, ordem e santa ou extrema unção ou unção dos enfermos), o primeiro e o último são aqueles que gozam de maior reverência por parte dos cristãos. Afinal, constituem ambos ritos redentores de passagem: com o batismo, tornamo-nos membros efetivos da comunidade cristã; com a extrema unção, abre-se o portal que permite a passagem à vida eterna. Daí que constituam, talvez a par da confissão, os sacramentos mais visados no anedotário anticlerical. De facto, o significado desta liturgia sacramental, a sua funcionalidade e sentido último, articulado com a forma como é realizado pelo seu oficiante religioso, ou seja, o sacerdote, não têm deixado de ser objeto de humor crítico quando há desvirtuamentos, abusos de poder e cobiça exagerada. Eis duas anedotas bem ilustrativas:

Diz um milionário ao padre que lhe administra os últimos sacramentos: “Acha que se eu deixar quinhentos mil euros à sua paróquia serei aceite no céu?” Responde o padre:” Bem, isso não posso assegurar-lhe, mas vale a pena tentar!”

Concluída a cerimónia de casamento, o noivo perguntou ao padre qual o preço da cerimónia. Replicou o Padre: “Não costumo pedir nada. No entanto, se desejar pode oferecer um montante proporcional à beleza da sua esposa!” O noivo puxa da carteira e dá-lhe uma nota de 100 euros. Logo o Padre se apressa a levantar o véu que cobria o rosto da noiva e observa-lhe o perfil. Depois da avaliação, retorque ao noivo: “Aqui tem 90 euros de troco!”

A confissão é um dos sacramentos que mais anedotas tem inspirado, quer dentro quer fora da Igreja, tanto no ato da sua realização como enquanto tema de sermões. Avoquemos algumas histórias caricaturais bem emblemáticas:

S. José, carpinteiro especializado na construção de confessionários:

Um dia um pregador foi convidado a pregar numa missa de festa popular numa paróquia de aldeia. Tinha preparado um sermão sobre a confissão, mas quando chegou à sacristia para se paramentar, o pároco, seu colega, lembrou-lhe que aquele era o dia do padroeiro daquela paróquia dedicada a S. José. O tema da homilia devia ter por referência aquele santo protetor da freguesia. Desprevenido, o pregador encontrou um estratagema para aproveitar o tema do sermão preparado e não desatender à obrigação de homenagear o santo. Assim, começou a sua pregação perante a igreja repleta: “S. José, grande santo e pai adotivo de Jesus, era um carpinteiro que se especializou em fazer confessionários...” E com este mote pregou o sermão sobre a confissão.

Os pecados mortais e a caricatura dos excessos dos padres

A exigência moral da Igreja, veiculada pelos seus principais agentes, padres e bispos, e traduzida no castigo máximo definido para os sete pecados mortais, acaba por constituir pontos privilegiados de crítica ao comportamento desregrado dos padres. Assim, se a Igreja determina a soberba, a luxúria, a ira, a gula, a preguiça, a inveja e a avareza como pecados capitais e se impõe à comunidade o respeito e o cumprimento das suas normas, é natural que a mesma comunidade também exija da Igreja a observação rigorosa das mesmas. Mas, como significam os famosos ditados “O fruto proibido é o mais apetecido” e “no melhor pano cai a nódoa”, a transgressão da regra está na natureza do homem. Todavia, dado que os membros mais representativos da Igreja se constituem como referência moral por excelência, sempre que infringem as suas próprias normas são imediatamente vituperados, vulgarmente através da sátira, da caricatura, do humor.

Entre os pecados mortais acima identificados, a gula, a luxúria e a avareza são comumente apontados como aqueles a que padres, bispos, frades e freiras mais cedem.¹¹

a) A gula

Começamos pelo célebre dito popular para caracterizar a ingestão satisfeita de uma lauta refeição, apontando o pecado da gula: “*Comer que nem um abade!*” (ver Anexo - figs. 1 e 2).

b) A luxúria

Certamente o mais abundante e estimulante assunto que é alvo de humor religioso é, sem dúvida, a imposição do celibato a padres, frades e freiras e a dificuldade histórica em ser observada esta pesada disciplina pelos que a professam (ver Anexo - figs. 3, 4 e 5). Esta disciplina imposta principalmente pela Igreja Latina ao clero secular, à semelhança do que era constitutivo do clero regular pelos seus votos, tem feito correr rios de tinta e tem inspirado obras primas da literatura portuguesa¹² e universal, assim como abundante anedotário popular.

Por vezes, a imposição demasiado repressiva e não interiorizada da disciplina do celibato fez transbordar comportamentos excessivos em sentido contrário. Ficou célebre em Portugal o caso histórico caricato, e talvez com algum exagero lendário, do padre Francisco Costa de Trancoso, que teria tido mais de duas centenas de filhos gerados por mais de meia centena de mulheres com quem manteve relações sexuais, inclusive de irmãs, tias e da própria mãe. Denunciado o caso à justiça régia, o também notável rei D. João II acabaria por perdoar do desenfreado e insaciável padre por ter contribuído significativamente para o aumento da população do Reino de Portugal, numa época em que esta minguava devido à saída de muitos portugueses para a empresa imperial de expansão marítima.

Sobre freiras sedentas de afeto e de sexo também não faltam anedotas, como é bem ilustrativo o exemplo a seguir narrado.

¹¹ Como o humor não se constrói apenas com anedotas ou sátiras, apresentamos em anexo algumas imagens caricaturais que denunciam os mesmos pecados cometidos no seio da Igreja. As imagens foram recolhidas da Adenda ao livro *Ensaíos Anriclericaís* (ABREU, 2004) (figs. 1, 2 e 3) e dos periódicos *A Algazarra*, n.º 20, 29 de setembro de 1900 (fig. 4) e *O Jesuíta*, n.º 1, 1 de abril de 1901 (fig. 5).

¹² Referimos, como exemplo, a obra de Eça de Queirós, *Crime do Padre Amaro* (1875).

Uma freira que fazia compras foi violada quando regressava ao convento. Ao entrar no claustro comunicou o sucedido à Madre Superiora, perguntando: “Que hei de agora fazer para ser perdoada?” Sugeriu-lhe a Madre: “Vai à cozinha e come um limão verde para disfarçar esse ar de satisfação!”

c) A avareza

Embora o dolo não entre no catálogo dos pecados mortais, é também apontado como prática comum no seio da Igreja, podendo, por outro lado, ser considerado uma manifestação da avareza, quando o seu propósito se traduz no desejo de acumulação de riquezas.

Observemos este caso anedótico ilustrativo, retirado de um periódico do século XIX:

“Um sacristão, mostrando a um inglês as curiosidades e relíquias da sua igreja [esperando daí alguma caridade], encontrou duas caveiras, uma de grande tamanho, outra mais pequena.
 — De quem é essa caveira? — perguntou o inglês.
 — De São Crispim. — respondeu o sacristão.
 — E essa mais pequena?
 — Do mesmo santo quando era criança.” (*A Semana de Loyola*, 6 de abril de 1884, pp. 6-7)

Conclusões

O uso do humor, na sua dupla intenção de autocriticar ou de denunciar, sobretudo quando aplicado aos membros do clero secular e das ordens religiosas, acaba por ter um objetivo fundamental: a vigilância crítica sobre os consagrados à vida eclesiástica que, apesar de se apresentarem como referência moral, estão sujeitos às mesmas fragilidades dos outros homens e mulheres, embora lhes tenha sido outorgada uma missão e uma responsabilidade que deve ser cuidada, em primeiro lugar, pelos próprios. O humor em torno da religião e dos religiosos advém da sua desprivatização e do seu inevitável confronto com o “mundo” que invariavelmente suscita um choque crítico de experiências e de desconformidade de ideais de vida. Como analisa José Augusto Mourão:

“Parece inevitável o confronto com aquilo que a religião pressupõe e aquilo que as religiões manifestam — o espaço público da sua aparição. Não há línguas privadas, como não há religiões privadas. Ambas visam o espaço de uma comunidade. Inevitável confronto que decorre de concepções simplistas

e simplificadas da identidade daquilo a que, desde Wittgenstein se chama ‘formas de vida’ e da vontade de tudo controlar, de sobre tudo inscrever a marca da dominação.” (MOURÃO, 2002, p. 13)

O recurso ao humor acaba por funcionar, também, como uma ferramenta contra o orgulho e contra uma severidade excessiva que caracteriza a vida em religião, não devendo, por isso, ser entendido como mero sinal de leviandade. O humor pode constituir até mesmo uma estratégia eficaz para a tomada de consciência dos limites, podendo permitir retomar um caminho de conversão. Com efeito, o humor situa-nos na humanidade que todos partilhamos enquanto condição universal e denuncia a tentação de uns serem considerados melhores do que os outros, considerando-se deuses, santos ou anjos enquanto homens e mulheres que são.

James Martin aponta três razões para a necessidade do humor no seio da comunidade religiosa e na vida espiritual: (1) o humor conduz à pobreza em espírito (evita o “ego inchado”, a ganância, a presunção); (2) o humor recorda as limitações e revela as fraquezas, promovendo a modéstia; (3) “a alegria é o sinal mais infalível da presença de Deus”¹³.

De algum modo, aquilo a que podemos chamar de humor religioso, que foi ilustrado nas ensaiadas caracterizações tipológicas sobre as práticas humorísticas constatadas quer no seio da Igreja quer sobre a mesma Igreja, acaba por realizar aquelas que definimos como as sete funções do humor: divertir ou recrear, criticar, denunciar, chocar, ridiculizar, denegrir e combater ao serviço de um fito de propaganda ideológica e relativização de absolutos. Como escreve um mestre dos estudos sobre o humor, Henri Bergson,

“Toda a rigidez de caráter, do espírito e mesmo do corpo será então suspeita para a sociedade, por ser o possível sinal de uma atividade adormecida e também de uma atividade que se isola, que tende a afastar-se do centro comum em torno do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade enfim. E, no entanto, a sociedade não pode intervir nisso por meio de uma repressão material, pois ela não está sendo materialmente afetada. Ela está em presença de algo que a preocupa, mas somente como sintoma — apenas uma ameaça, no máximo um gesto. Será, portanto, com um simples gesto que ela responderá. O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime excentricidades [...] flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social.” (BERGSON, 2001, pp. 14-15)

¹³ Expressão atribuída ao jesuíta Pierre Teilhard de Chardin. Cf. MARTIN, 2011, p. 29.

Podemos concluir com o grande teólogo do século XX, Karl Rahner, sacerdote jesuíta alemão, que num texto que escreveu sobre o riso sintetiza modelarmente a sua importância:

“Ri-te. É que esse riso constitui o reconhecimento de que é um ser humano, um reconhecimento que é, em si, o ponto de partida para o reconhecimento de Deus. Pois de que outra forma hei de reconhecer a existência de Deus que não admitindo na minha vida, através dela, que não sou Deus, mas uma criatura com os seus tempos — um tempo para chorar e um tempo para rir, e que um é distinto do outro? Um louvor a Deus é o que o riso é, visto permitir a um ser humano ser humano.” (*apud* MARTIN, 2011, p. 235)

ANEXO

Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

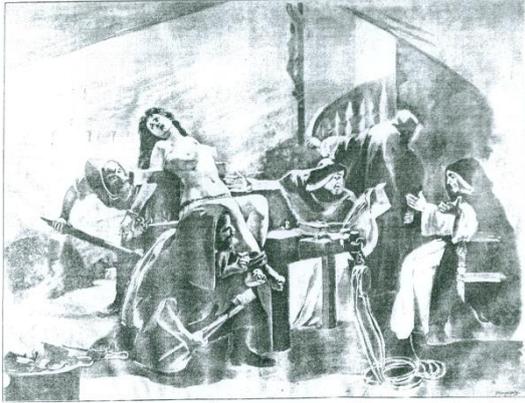


Fig. 4



Fig. 5

UMA VÍTIMA DO FANATISMO—Quadro de José de Brito



Como elles tratavam as desgraçadas mulheres que se recusavam a satisfazer os seus desejos bestiacos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Luís Machado de. Anticlericalismo: A intriga teológico-política dos anticlericalismos. In: ARAÚJO, António; FRANCO, José Eduardo. *Dança dos demónios: Intolerância em Portugal*. Lisboa,: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2009.
- ABREU, Luís Machado de. *Ensaaios anticlericais*. Lisboa: Roma Editora, 2004.
- BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DREWERMANN, Eugen. *Funcionários de Deus*. Lisboa: Inquérito, 1994.
- FRANCO, José Eduardo; ABREU, Luís Machado de (Coord.). *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo*. 2 vols. Lisboa: Paulinas, 2014.
- MARTIN, James. *Deus Ri. Alegria, humor e riso na vida espiritual*. Lisboa: Sinais de Fogo, 2011.
- MARTINS, Mário. *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*. Lisboa: ICALP, 1978.
- MELO, Paulo Correia de. *Anedotas e outras expressões do anticlericalismo na etnografia portuguesa*. Lisboa: Roma Editora, 2005.
- MOURÃO, José Augusto. Da funesta liga do trono e do altar – A afecção (anti)clerical. In ABREU, Luís Machado de; MIRANDA, António José Ribeiro. *Actas do Colóquio Anticlericalismo Português: História e Discurso*. Aveiro: Universidade de Aveiro - Centro de Línguas e Culturas, 2002.
- PEREIRA, Ricardo Araújo. *Novas crónicas da boca do inferno*. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- Relíquias da Igreja. *A Semana de Loyola — semanário anti-jesuítico*. n.º 1, Lisboa: Typographia do Commercio, 6 de abr. 1884